



ENTRE NÓS,
QUASE TUDO
É INCONSISTENTE,
PROVISÓRIO,
NÃO DURA

por **Guilherme Moreira**

Curadoria | **Gisele Lima**

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Moreira, Guilherme
Entre nós, quase tudo é inconsistente,
provisório, não dura [livro eletrônico] /
Guilherme Moreira ; curadoria Gisele Lima. --
1. ed. -- Brasília, DF : A Pilastra - Produção,
Arte, Pesquisa, Mercado, 2023.

PDF

ISBN 978-65-999842-2-8

1. Arte contemporânea brasileira 2. Artes
plásticas - Exposições - Catálogos 3. Escultura -
Brasil I. Lima, Gisele. II. Título.

23-169923

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 730

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

ENTRE NÓS, QUASE TUDO É INCONSISTENTE, PROVISÓRIO, NÃO DURA

é uma exposição que para olhares desatentos pode parecer falar sobre forma e materialidade. Não que essas questões não sejam presentes e importantes na pesquisa de Guilherme Moreira. Que utiliza o papel de alta alvura como principal material para a sua pesquisa resultando em esculturas-objetos de extrema delicadeza e plasticidade.

Trata-se da segunda mostra individual do artista e historiador da arte Guilherme Moreira em Brasília, cidade onde reside e trabalha. Tendo circulado em outros estados como Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. No entanto, das exposições individuais apresentadas por Guilherme me atrevo a dizer que esta é a mostra onde as questões político-sociais ganham maior destaque e projeção. Os trabalhos aqui expostos, são objetos, esculturas, vídeo, fotografias e

instalações formadas por complexas camadas de significado. Existe uma discussão sobre ancestralidade, regionalismo e racialização que são urgentes e que submerge todas as obras, artista, curadora e equipe envolvidos na realização desse projeto.

O próprio título da exposição, uma fala recortada do romance O triste fim de Policarpo Quaresma, de Lima Barreto, assume o lugar de introdução e vocativo. Provoca e anuncia a transdisciplinaridade que propomos: nesta mostra não vamos falar apenas de arte, vamos falar de nós. Um convite e um vocativo à conversa, ao diálogo. Falaremos sobre passado e presente, sobre nossos avós e bisavós, sobre a construção de Brasília e sobre as influências de vivermos imersos em uma paisagem modernista. Falaremos sobre hierarquias sociais, raciais, ser ou não ser negro, sobre a inconsistência e a instabilidade que é existir para certos corpos enquanto para outros, tudo permanece durar e persistir.

Gisele Lima



O ARTISTA

Guilherme Moreira, 30/07/1993, Gama - DF, Brasil. Vive e trabalha em Brasília. Trabalha com esculturas, fotografias e pinturas, suas pesquisas são em Teoria, História e Historiografia da Arte Contemporânea sobre a relação da *minimal art* e das neovanguardas, em trânsito teórico-histórico com o Brasil, e suas recepções e difusões no cenário artístico brasileiro da década de 60, sendo estas realizadas por meio de pesquisas, congressos, colóquios e exposições.

É doutorando acadêmico na linha de Teoria e História da Arte pela UnB (2020 -). Mestre na linha de Teoria e História da Arte (2019). Bacharel em Teoria, Crítica e História da Arte (2016). Em 2021, tornou-se membro da ANPAP. Expôs individualmente

em: *Transgressão da Matéria*. Câmara dos Deputados - BSB (2022); *Estratigrafias*. Galeria da FAV, UFG - GO (2019); *Matéria e Derivado*. Galeria SESC de Artes, Palmas - TO (2016). Expôs coletivamente em: *[Dis]Tensões no Espaço*. Galeria MixMídia - BSB (2019); *14ª Bienal Internacional de Curitiba*. Museu Oscar Niemeyer, Curitiba - PR (2019 - 2020); *3º Salão de Arte Contemporânea de Ponta Grossa*. Estação Arte, Ponta Grossa - PR (2016). Contemplado com os **prêmios**: *ARTE COMO RESPIRO*: Artes Visuais, Itaú Cultural (2020); *SESC ConVIDA!*, SESC (2020); *Aldir Blanc Gran Circular*. Edital de Premiação, Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal (SECECDF).



ENTRE NÓS... MEMÓRIAS

Guilherme Moreira

A exposição ***Entre Nós, quase Tudo é Inconsistente, Provisório, Não Dura*** surgiu de um incômodo. Com efeito, um incômodo gerado há um tempo que, no entanto, encontrou abrigo no FAC Multicultural produzido no contexto catastrófico da pandemia. Por sorte esse incômodo, que diz respeito as minhas ansiedades em relação à criação artística e à simbolização de angústias pessoais e coletivas, pode ser transfigurado em pesquisa poética.

O título da exposição nasceu de um confronto com o célebre texto de Lima Barreto, trabalhado no livro *O Triste Fim de Policarpo Quaresma* (1915). Esta frase construída por Barreto, cuja interferência eu promovo a partir do advérbio ‘quase’, refere-se à passagem do livro em que a personagem Policarpo Quaresma, esse anti-herói ufanista, no seu desejo utópico de construir um Brasil verdadeiramente brasileiro, viaja ao interior do estado do Rio de Janeiro em busca de uma ex-escravizada que guardava em sua memória cantigas de roda. Ao atravessar a cidade, o pensamento do narrador onisciente atravessa o fluxo de consciência da personagem que, por sua vez, observa a arquitetura e indaga-se sobre a falta de perenidade da história nessas modernas construções. A frase é fruto dessa insatisfação.

Costumo dizer que compartilho da frase, mas nem tanto da insatisfação. Veja bem, o sonho de Quaresma era o de construir um país sem contaminações ou impurezas estrangeiras (lat. extraneus, estranho, de fora). Já o meu desejo é o de conviver, deixar-me ser atravessado e contaminado pelas impurezas e estranhezas da história e da memória. Como historiador da arte por formação, entendo que só há história da arte impura, na medida em que a arte é constituída, ela mesma, por sobredeterminações temporais, acúmulos de olhares, perspectivas e interpretações de variados sujeitos ao longo de sua existência.

Nesse sentido, as obras reunidas na exposição dialogam com a noção de história como narrativa, como ficcionalização de fatos reais e/ou imaginários. Narrar é necessariamente inserir um ponto de vista, é criar e elaborar um sequenciamento lógico ou fragmentado, utilizando elementos cognoscíveis, figurativos, abstratos e simbólicos. Ao idealizar e produzir essas obras, tomei a narrativa como ponto de partida e como método: repetir, sequenciar, fragmentar, sobrepor e justapor, cortar e colar, montar e desconstruir, ouvir e transcrever, interferir, perguntar e, finalmente, desejar.

Eis o caminho que conecta o trabalho da mão ao pensamento. Um pensar que vem pelo fazer, permitindo um diálogo inexorável entre o labor e o material. O papel, como matéria plástica, e não mero suporte da imagem, é o elemento físico e simbólico que desencadeia a narratividade, dá início à narração e interfere na narrativa. O gesto repetido do corte sugere a dimensão técnica do trabalho que surge por meio das frestas e rachaduras, portanto, pelos silêncios e ausências. A palavra é texto, é tecido, forma, imagem e urdidura. A cor, nesse caso, é tridimensional e parte de uma observação contínua dos matizes que me constituem. Em todo esse processo de concepção e produção, a frase de Richard Sennet parece ter ecoado de maneira transversal, para quem “as pessoas podem aprender sobre si mesmas através das coisas que fazem”. Ousaria ir além e dizer: ouvir e compreender o outro também nos permite aprender e conhecer nossa própria humanidade, nossas visões de mundo e de que maneira somos atravessados e atravessamos as pessoas com as quais estabelecemos contato, por menor e mais sutil que ele seja. Entre Nós... é um convite para o diálogo e o compartilhamento. Entre nós há sempre um universo de memórias.



DÁDIVA DA CARNE
(Du don de la chair)

SÉRIE FOTOGRAFICA DE #1 A #9
2019
Impressão jato sobre papel algodão
20 cm x 30 cm cada

Dádiva da Carne (Du don de la chair) é uma série de doze fotografias (aqui apresento nove delas), realizada em 2019, e surgiu num momento de virada conceitual em minha produção, anteriormente marcada pelo corte geométrico das folhas de papel. Em meio a um dialético processo de autoconhecimento e revolução da minha auto-imagem as fotografias que agora fazem parte da série Dádiva da Carne, surgiram como recepções de um eu renovado. Elas são, acima de tudo, uma tentativa de libertar-me de um geometriano inócuo e enfrentar o caos e a desordem. Dádiva da Carne possui um poder encarnacional e imagético e, por isso, porta-se como sintoma de uma pulsão recalcada que se manifesta em suas linhas incontroláveis.





O ESPAÇO

O **Espaço Oscar Niemeyer** foi projetado pelo arquiteto e inaugurado em 1988, com o objetivo de abrigar a Comissão do Conjunto Cultural e a Fundação Oscar Niemeyer, instituindo em Brasília um espaço com a vocação de homenagear o artista e autor da arquitetura reconhecida como obra do século pela UNESCO.

A criação do Espaço Oscar Niemeyer foi oficializada em 18 de agosto de 1998, pelo Decreto nº 11.215, assinado pelo então Governador do Distrito Federal. Em 2007, foi tombado pelo IPHAN, no âmbito federal, e também pela SUPAC, no âmbito distrital.

A atuação do Espaço Oscar Niemeyer pode ser dividida em duas fases. A primeira compreende o período entre 1988 a 2015, desde a publicação do seu Decreto de criação até a desocupação da Fundação Oscar Niemeyer. Já a segunda fase

é referente à reinauguração do EON em 2019, após as reformas de seu edifício e sendo gerenciado e administrado pelo Governo do Distrito Federal.

Trata-se de uma composição formada por dois volumes baixos brancos interligados, de planta circular, em parte abraçado por outro, esse curvo. Com uma área de 432 m², os edifícios abrigam mostras relacionadas, de forma direta ou indireta, à vida e obra do próprio autor, bem como outros temas correlatos. O prédio foi construído pela Serveng-Civilsan, empresa que doou o edifício ao Governo do Distrito Federal – GDF.

O espaço faz parte dos equipamentos culturais da gerência do Centro Cultural Três Poderes, sendo uma unidade subordinada à Subsecretaria do Patrimônio Cultural (SUPAC), da Secretaria de Estado de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

ENTRE NÓS, QUASE TUDO É INCONSISTENTE, PROVISÓRIO, NÃO DURA

por **Guilherme Moreira**

Curadoria | **Gisele Lima**

Nesta exposição, não pretendemos falar apenas de arte. Vamos falar de nós.

Guilherme Moreira nos convida a conversar sobre o passado e o presente. Sobre nossos avós e bisavós, sobre a construção de Brasília e sobre as influências de vivermos imersos em uma paisagem modernista. Falaremos sobre hierarquias sociais, raciais, ser ou não ser negro, sobre a inconsistência e a instabilidade que é existir para certos corpos enquanto para outros, tudo permanece durar e persistir.

Essa troca nos é proporcionada não somente pela mera contemplação do trabalho visual, mas, também, pelos

generosos comentários sobre seu processo de criação e como cada uma destas questões que o atravessam se fazem presentes e se materializam nas obras aqui expostas.

Guilherme Moreira nos permite acessar diferentes camadas de pensamento, pesquisa e sentimento. Abordando com sutileza, elegância, em uma visualidade quase abstrata, temas tão caros a uma subjetividade que não se encaixa em critérios classificatórios hegemônicos. Critérios esses tão presentes nas histórias escritas em papéis de alta alvura.

Este é um convite para o diálogo.

Entre nós... qual história você tem para contar?



DÁDIVA DA CARNE (*Du don de la chair*)

SÉRIE FOTOGRÁFICA DE #1 À #9

2019

impressão jato sobre papel algodão

20 cm x 30 cm cada

Dádiva da Carne (*Du don de la chair*) é uma série de doze fotografias (aqui apresento nove delas), realizada em 2019, e surgiu num momento de virada conceitual em minha produção, anteriormente marcada pelo corte geométrico das folhas de papel. Em meio a um doloroso processo de autoaceitação, autoconhecimento e revolução da minha autoimagem, as fotografias que agora fazem parte da série *Dádiva da Carne* surgiram como receptáculos de um eu renovado. Elas são, acima de tudo, uma tentativa de libertar-me de um geometrismo inócuo e enfrentar o caos e assumir o pathos. *Dádiva da Carne* joga com o poder encarnacional das imagens e, por isso, porta-se como sintoma de uma pulsão recalçada que se manifesta em suas latências incontroláveis.





SINTOMA #5

ESCULTURA

2023

papel de alta alvura e molduras

45 x 33 x 5cm cada

O mais recente trabalho da série *Sintomas*, iniciada em 2018, em que comecei a utilizar o papel (um material presente desde o início da minha carreira) a partir da metáfora psicanalítica do sintoma, daquilo que é recalcado e tende a se manifestar por entre as rachaduras das superfícies. Gosto de usar o papel como matéria plástica criadora de imagens, e não meramente como suporte de outras imagens (seja desenho, fotografia, gravura ou pintura), explorando sua qualidade bi e tridimensional. É por essa razão que coloco meus trabalhos nessa condição ambígua de relevo e escultura, por comportar qualidades de ambas as linguagens. Foi a partir deste trabalho que lancei a ideia de dar continuidade a uma fratura que se espalha por mais de um quadro, como uma rachadura que se alastra pela parede.





LINHAS DE PARTILHA

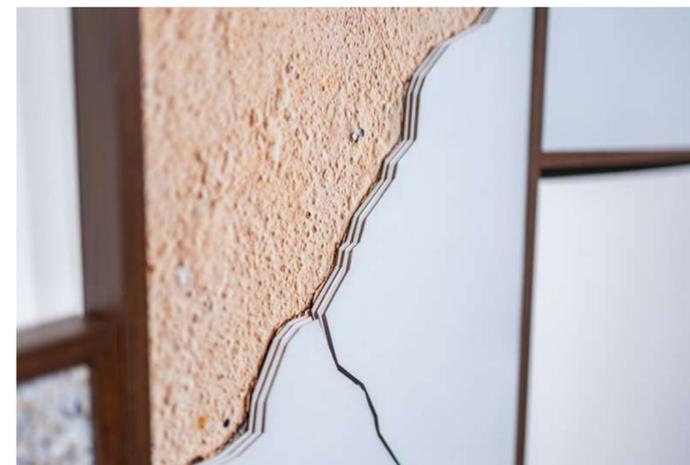
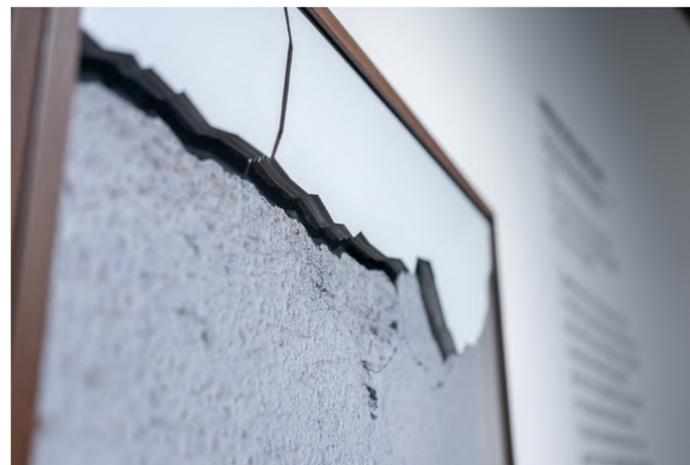
ESCULTURA EM SEIS PARTES

2023

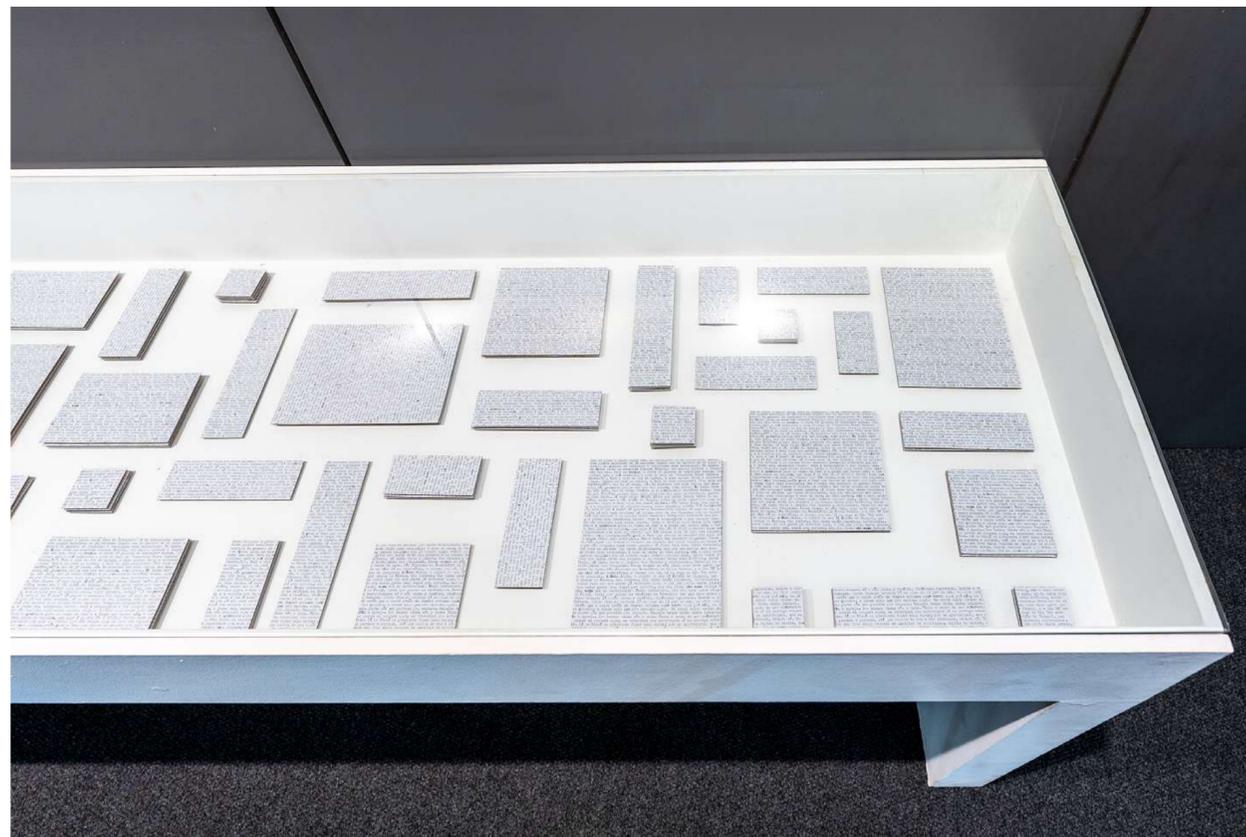
Papel alta alvura e impressão fotográfica sobre papel algodão

40 x 60 cm (cada)

Espelhando-me no exercício de Fra Mauro, esse frade veneziano do século XIV que construiu um mapa mundi sem sair do claustro, lancei-me ao desafio de construir um mapa sem sair de casa. Forçado a permanecer em meu quarto como medida de proteção devido a crise sanitária que vivemos em 2020, dei início à criação de um mapa colaborativo e virtual com amigos e interessados em várias regiões do Brasil e do mundo, assim como o fizera Fra Mauro, a partir “das linhas de rota” presentes nas rachaduras das paredes e/ou muros das nossas casas. Esta obra que apresento aqui é um desdobramento do projeto inicial de *Linhas de Partilha*, e contém apenas as linhas de rota contidas nas paredes das casas em que habitei durante a pandemia. As paredes tornaram-se verdadeiras paisagens, receptáculos da nossa mirada neste momento de isolamento como medida de proteção contra o vírus.







QUEBRA-MAR

RELEVOS

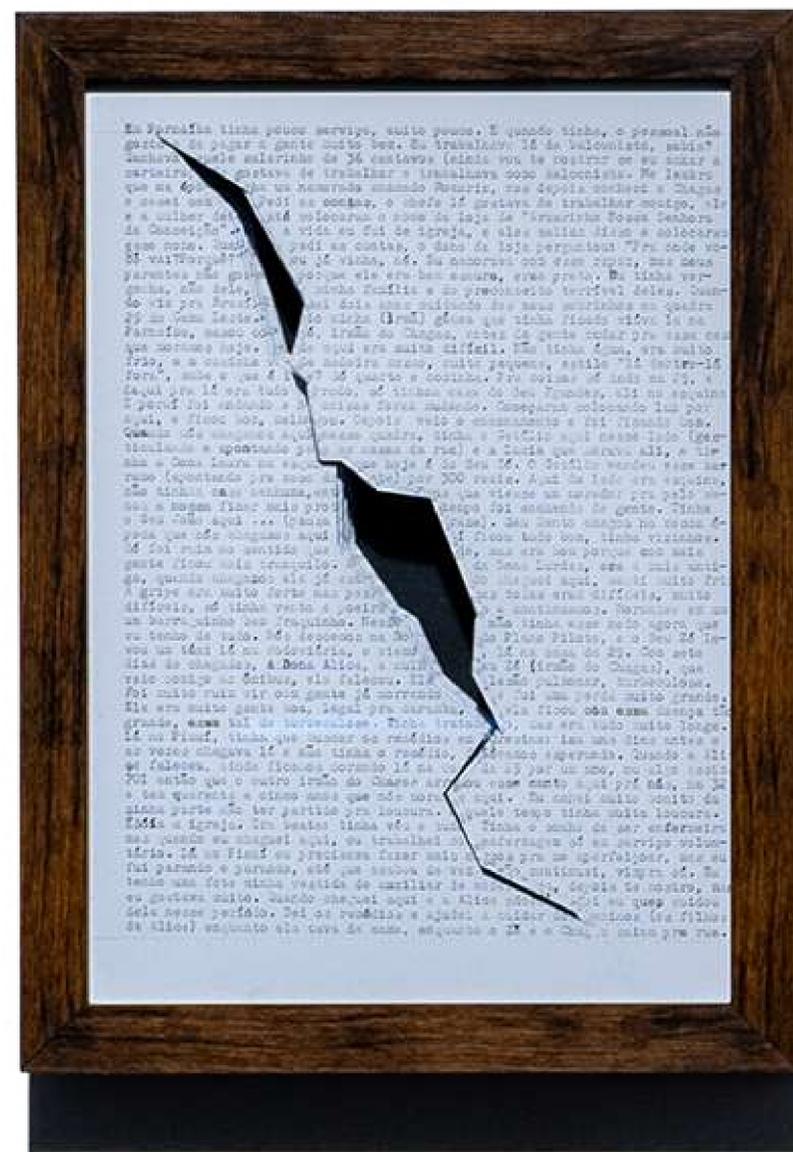
2023

Folhas Papel Canson alta alvura 250g e vitrine

70 cm x 310 cm

"Pensando: o problema do mar é que ele acaba".

Assim inicia o conto *Quebra-Mar*, inspirado na história da minha avó paterna, uma imigrante piauiense que mudou-se para Brasília em 1968, quando a cidade ainda estava em construção e oferecia a ela, e a muitos como ela, a esperança de um recomeço, de uma nova vida. O conto reflete sobre a memória (e a perda dela) como um fluxo e refluxo de reminiscências que transitam entre a ficção e a realidade à maneira do movimento anadiômeno das ondas do mar. Este pequeno trabalho é uma tentativa de traduzir visualmente a narrativa complexa da memória (e da história) pessoal, repleta de fraturas, recalques e sintomas que se manifestam constantemente em sua frágil superfície. É, pois, um diálogo verbo-visual com os anacronismos da memória diante de uma doença degenerativa como o Alzheimer.



HI[E]STÓRIA #1

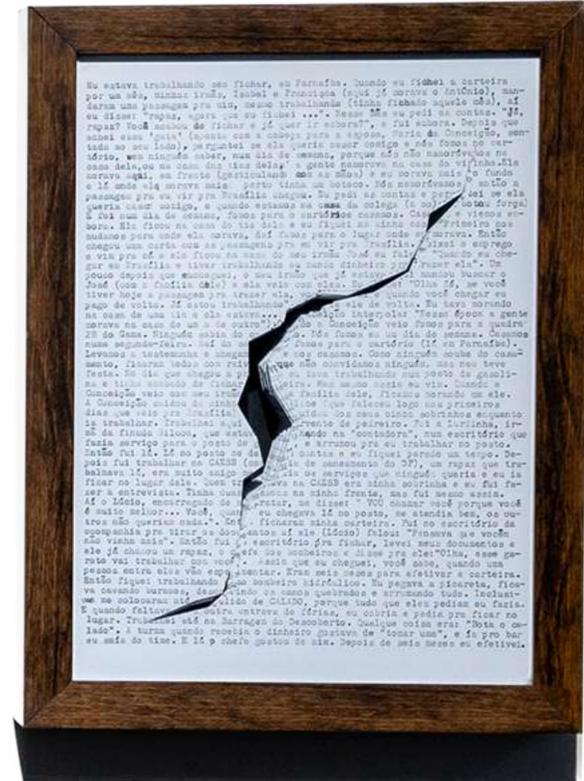
ESCULTURA EM DUAS PARTES

2020

fotografia e fotocópia em folhas de papel sulfite 90g

21cm x 29,7cm cada





HI[E]STÓRIA #2

ESCULTURA EM DUAS PARTES

2020

fotografia e fotocópia em folhas de papel sulfite 90g

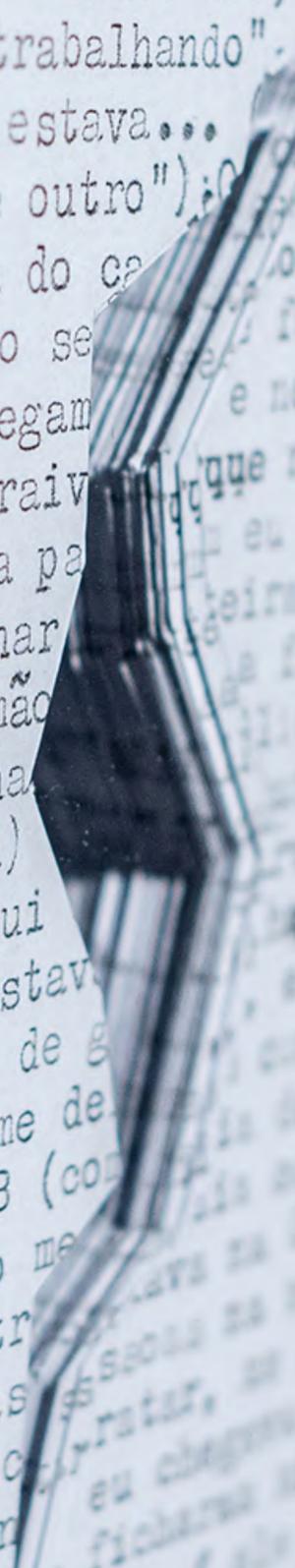
21cm x 29,7cm cada

IN MEMORIAM

A história de Brasília e do Distrito Federal se confunde com a história da construção social da cidade. Essa cidade-utopia, erigida no interior desértico do estado do Goiás, com o intuito de ser a nova sede do governo brasileiro, na década de 1950, foi idealizada como espaço comunal, de trânsito livre entre as classes, que se esbarrariam nos pilotis dos prédios modernistas da asa sul e da asa norte sem qualquer distinção e impedimento. A cidade, afinal, precisava ser construída e essa mão de obra viria dos trabalhadores da construção civil que residiam nos estados brasileiros. Aqui é onde minha história começa. Meus avós maternos e paternos vieram do Piauí, respectivamente em 1965 e 1968, em busca de melhores condições de vida, com a promessa no coração de que, aqui, construíram uma existência mais digna e menos miserável. Ouvindo suas histórias ao longo da minha vida percebi que,

para cada um, essa vinda à nova capital significava algo muito particular: para uns era trabalho, para outra uma fuga. *Hi[e]stórias* é, portanto, uma série que utiliza um material muito caro à minha pesquisa visual — o papel — não como suporte da imagem ou da informação, mas como elemento plástico e poético pelo qual a imagem se faz surgir. As rachaduras na superfície do papel ao mesmo tempo escondem e revelam o conteúdo dessas estórias que, sem dúvida, fazem parte da história oficial dessa cidade, mas que, devido aos mecanismos perversos da historiografia de Brasília, foram deixadas de fora. Essa série é o início de uma tentativa de fazer ressurgir e irromper na plácida e intocada superfície da história, essas estórias, como sintomas de uma escrita calcada em apagamentos e esquecimentos.

...o meu irmão que já estava...
...ela veio com elas. Ela...
...passagem pra trazer ela, vai...
...já estou trabalhando".
...ela estava...
...de um e de outro")...
...ninguém sabia do ca...
...segunda-feira. Saí do se...
...testemunha e chegam...
...ficaram todos com raiva...
...que chegou a pa...
...de fichar...
...veio com meu irmão...
...cuidou da minha...
...pra Brasília...
...Trabalhei aqui...
...que estava...
...posto de g...
...CAESB (con...
...era muito amigo me...
...Quem tr...
...Tinha duas...
...de c...
...Vocês, quan...
...Ent...





ESTIAGEM #5

ESCULTURA

2023

Papel Alta alvura

45 cm x 33 cm

ESTIAGEM #6

ESCULTURA

2023

Papel Alta alvura

45 cm x 33 cm

ESTIAGEM #7

ESCULTURA

2023

Papel Alta alvura

45 cm x 33 cm

Dialogando com as séries *Sintoma* e *Hi[E]stórias*, os trabalhos aqui apresentados da série *Estiagem* são fruto de uma reflexão formal e metafórica acerca dos vazios e das lacunas que decorrem de um ambiente destituído de irrigação, tais como aquelas do solo seco onde a chuva é escassa. Essa paisagem da aridez aponta a um elemento definidor de algumas das histórias de migração trabalhadas na outra série, uma vez que o êxodo em busca de *“terra boa para plantio”* indicava o desejo de uma nova vida, certamente mais farta.





ALVEJADOS

ESCULTURA (POLÍPTICO)

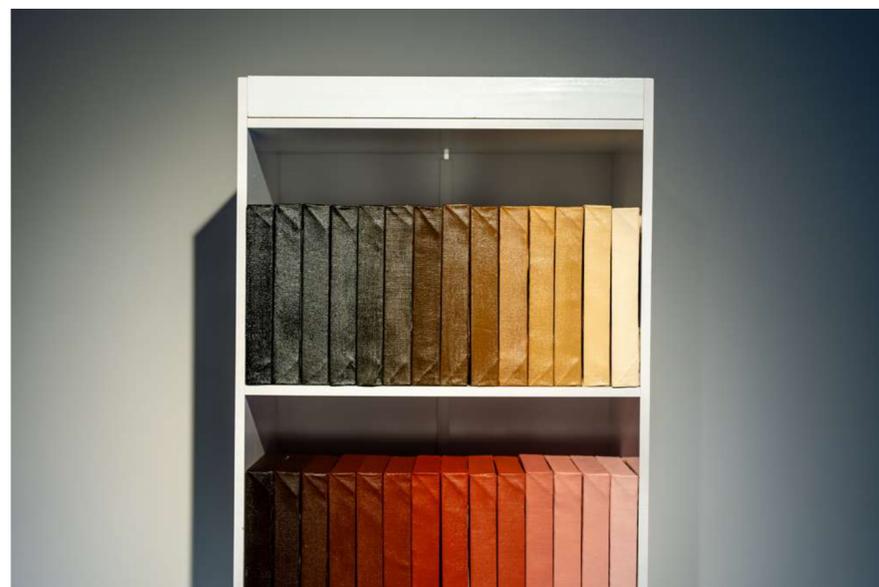
2020

papel de alta alvura e molduras

35cm x 35cm cada

O genocídio negro no Brasil é uma triste realidade que não deve ser ignorada e, muito menos, tolerada. Essa condição, historicamente imposta aos corpos negros e periféricos deste país, é sintoma de um racismo estrutural e estruturante, que discrimina subjetividades e as tem como descartáveis, desvalorizadas, marcadas pelo desprezo. Alvejar corpos negros tornou-se um exercício de higienização social e silenciamento de vozes importantes, sobretudo de vozes militantes que seguiam lutando contra o próprio sistema de normalização e banalização do genocídio negro no Brasil. Alvejados busca ampliar o espectro dessa discussão. Trabalhando propositalmente com o papel de alta alvura, essa obra aborda, crítica e poeticamente, por meio dos furos emulando tiros fatais, o projeto de apagamento da memória e identidade negra no Brasil.





CROMATECA (*Histórias de cor*)

INSTALAÇÃO

2020

Estante de madeira e tinta acrílica s/ tela

Com uma prateleira contendo seis divisórias e vinte telas em cada, essa instalação abriga um conjunto de cores decompostas a partir das principais cores da minha pele. Essas diferentes tonalidades de marrom podem ser localizadas nas distintas regiões da minha topografia cutânea, desde as cores mais claras até as mais escuras. Entre manchas, sinais de nascença e marcas que dividem a incidência do sol, essas diferentes tonalidades revelam a intensa e, por vezes dolorida, ambiguidade dessa pele sem raça, cuja mistura é fruto de uma miscigenação sem clara genealogia e ancestralidade. Essa obra parte, portanto, de uma angústia que, desde a infância, se manifesta no processo de descoberta da minha identidade. Essa instalação é uma resposta à frequente pergunta que dirijo a mim mesmo: qual seria minha cor? E se ela não responde completamente, ao menos me permite desvelar as variadas cores que possuo.



**ENTRE NÓS,
QUASE TUDO
É INCONSISTENTE,
TRANSITÓRIO,
NÃO DURA**

Patrocínio

*Fundo de Apoio à
Cultura do DF*

Coordenação geral e artista

Guilherme Moreira

Curadoria

Gisele Lima

Produção Executiva

A Pilastra

Guilherme Brandão

Assistência de produção

Maria Luiza Rocha

Gestão Administrativa

Cinthia Santos

Designer

Jainaine Abrantes

Fotografia e Vídeo

Lowrran

Assessoria de Imprensa

Agenda KB

Montagem

Emanuel Brandão

Gustavo Silvamaral

Iluminação

Jefferson Landim

Mediação

Letícia Cardoso

Lohany Kayná

Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

